

Prisões infinitas

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.018-014>

Josean Roberto Pires Cirqueira

Pós-Graduando em Filosofia, Instituição: Centro Universitário FAVENI

E-mail: joseanadvogado@hotmail.com

RESUMO

O texto aborda a complexidade da liberdade e da prisão sob uma perspectiva filosófica e reflexiva. Embora, cada indivíduo se perceba como livre, na verdade está sempre aprisionado por diferente conceito e condições impostas pela sociedade e pela própria mente. A metáfora da prisão se desdobra em várias camadas: ao se libertar de uma, muitas vezes se encontra aprisionado em outra, perpetuando um ciclo de fugas e novos aprisionamentos. Com isso, a lucidez sobre nossa condição de cativos pode ser tão ilusória quanto libertadora, pois quem se julga livre muitas vezes impõe suas próprias prisões aos outros, sem perceber que está preso em suas próprias crenças e ideias. A busca por liberdade pode ser uma busca incessante por novas formas de aprisionamento, onde fugir de uma realidade só nos coloca em outra prisão, menos perceptível à primeira vista. A reflexão se estende à vida política, social e religiosa, sugerindo que muitos aspectos da sociedade são estruturados como prisões invisíveis, onde leis e normas funcionam como grades que limitam a liberdade individual. A morte é vista como um ponto onde todas as prisões se dissolvem, mas também é questionada como uma ideia que molda nossa existência dentro das próprias prisões que criamos. Entretanto, o texto desafia a ideia tradicional de liberdade ao sugerir que, mesmo na busca por emancipação, podemos estar apenas nos movendo entre diferentes formas de confinamento, sem jamais alcançar uma verdadeira liberdade absoluta.

Palavras-chave: Filosofia, Alienação, Prisões, Humanidade, Infinito.



1 INTRODUÇÃO

1.1 NOTA CIENTÍFICA

Embora cada homem seja dotado de liberdade, cada ser também se permite conceder a cada qual oposto a si uma prisão da qual não se acha encarcerado. Nesse pensamento enganoso, faz de si um verdadeiro liberto, senhor de escravos que enxerga no próximo verdadeiras senzalas, cativos de pensamentos, alienados do alvorecer. Não parece ser pensamento simplista e individual, senão complexo e coletivo que diante da prisão que se permite libertar, não é senão outra prisão que se sucede à primeira, prisioneiro de prisões infinitas. Alforriado da prisão anterior se encontra prisioneiro com novos cativos que olham com desdém para os aprisionados da cela na qual estivera. Falso carcereiro, não imagina que está em um presídio vigiado por guardas que se supõem livres, sendo observados por indivíduos que acreditam de igual forma possuir tal condição;

Como saber se a liberdade que é disposta, não é senão uma prisão disfarçada? É verdade que se faz conhecer, que a lucidez que se propõe possuir, é a mais pura fuga das diversas prisões e que quanto mais fugas empreendidas, mais aparência de liberdade se faz crer. Não é menos correto que se o primeiro fugitivo da caverna de Platão tivesse persistido que entrara em outra prisão ao invés de ter saído de uma, poderia ter vivido mais! Não foi a vontade de mostrar a luz em vez de sombras que o fez voltar, foi a falta de persistência no pensamento seguinte: o novo aprisionamento! Que lhe adiantava viver na luz se sozinho estava? Era necessário empreender mais fugas do mundo das cavernas, porque prisioneiro solitário é mais cativo dos que os encarcerados. É fato que outros obtiveram êxito nesse empreendimento, dos quais se tornaram filósofos, que doutrinando o mundo da luz asseverou em não permanecer solitário.

Eis que, o sol que ilumina também é iluminado e toda lucidez que se apresente deverá ter uma lucidez posterior que lhe vigie, como o aparente carcereiro ao encarcerado que se julga liberto. A lucidez que se julga possuir, por acreditar não estar aprisionado, é mesma que impõe aos seus em forma de verdade única e absoluta, da qual como bom cativo prepara diligentemente a cela para seus prosélitos, que, convencidos da liberdade, saem de bom grado de uma prisão para outra sem se darem conta do mesmo mundo sob outra perspectiva.

É correto afirmar que encarcerados que detém a lucidez de seu estado de cativo é prisioneiro em fuga, uma fuga preparada é um projeto de prisão futura. As prisões são sucessivas e intermináveis. Ponderar numa liberdade e concebê-la para si, aparentemente é a mais cruel de todas as prisões, pois desarma o ser para empreender novas fugas, impede-lhe a lucidez de novos mundos, entendido como novas prisões, já que empreender novas fugas é aumentar o estado de consciência da realidade, por conseguinte sua lucidez, porém persevera-se já que entre permanecer e move-se é tendência natural daquele que reflete pôr-se em movimento.

Como cativos eternos, por que empreender fugas? Essa pergunta parece bastante desoladora, já que aparentemente leva-se a crer que a saída de uma prisão é o enclausuramento em outra, infinitas vezes. Primeiro, é preciso esclarecer que nem todo mundo se dispõe a fugir, já que se encontra bastante confortável em sua prisão, com seus colegas de cela pensando e agindo como carcereiro, quando na verdade desconhecem seu estado de cativo. Segundo, pensar em fuga exige esforço intelectual e a negação de estado de prisioneiro. Fugir de uma prisão para entrar em outra, requer elaboração de planos de fuga constantemente, exige-se então devotado pensamento elaborado. Cada fuga bem sucedida, carrega consigo a experiência da prisão anterior, quanto mais se foge de uma prisão para outra menos companheiros de cela se terá, mais lúcido se tornará. A superlotação prisional trás consigo fugas não empreendidas ou mal sucedidas. A super população de indivíduos cativos demonstra e reforça a falsa ideia de carcereiro de outros presos que não o Eu. Quanto mais se permanece numa prisão, mais ilusório parece o estado de não está em uma, mais se consolida o estado de permanecer na cela. Quando se consegue êxito em uma fuga e se encontra em outra prisão, é certo que se depara com companheiros de fuga que empreenderam os mais diversos planos para ali se encontrarem, ainda assim olhamos a cela ao lado e enxergamos as grades dos Outros que não o Eu. Ao prisioneiro que iniciou o processo de fuga e obtendo êxito na sua empreitada, gera um olhar de grades de cela do Outro o que pode sugerir grades da cela em si mesmo. O pensamento de carcereiro do Outro desperta em si mesmo o pensamento de prisioneiro. Condição de pensamento de prisioneiro é preparação para fuga.

Essa utopia que se chama liberdade é uma grata percepção da própria prisão, não é na ausência da liberdade que se faz parecer preso, é exatamente na condição de liberto que o encarceramento se mostra mais forte, é nesse pensamento de carcereiro que a cela realmente cumpre a sua função. A prisão começa desde a concepção, o nascimento não liberta o homem, pelo contrário o condena a ser humano, todo ato anterior à concepção provém de um ato de um presidiário, gerando descendentes durante a cela prisional na qual está inserido. Não é a morte a libertadora de prisões, a morte não é, e não pode ser nada, não existe nada na morte, porque a morte não tem poder de ser alguma coisa, não existe ideias ou pensamentos na morte, por consequência a morte não tem status de ser, no entanto, a ideia da morte molda o tempo, espaço e dimensão das prisões. A religião que tem a pretensão de transcender a ideia de vida, logo a ideia de prisão, cria mais uma prisão dentro do próprio encarceramento, no qual o carcereiro é posto como o mais livre de todos os seres, que sendo propagado em vida não resiste à morte, senão a sua própria ideia de morte ainda em vida, de tal sorte carcereiro invisível com influência em estabelecimentos prisionais.

O homem antes de ser um animal político, é um animal preso, seus antecessores eram detentos, seus sucessores também o serão. As leis que são o regramento de como cada presidio deve tratar seus prisioneiros e como cada lei, tal qual cada detento também é presa em uma cela, sendo, pois, condutas de presos legalizadas por conjunto de carcereiros que se julgam livres dentro de uma prisão, mas são



tão cativos quanto as próprias leis que criaram. Nesse conjunto leis que perpetuam as infinitas prisões, existe um princípio primordial a ser seguido, “a que a melhor maneira para manter alguém prisioneiro é tendo certeza de que ele nunca saiba de que está em uma prisão”.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, resta demonstrado que estamos diante de prisões sucessivas, onde cada qual se acha livre quando na verdade são prisioneiros do próprio sistema.



REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Política. São Paulo, SP: Martin Claret, ano de 2007.

DOSTOIÉVSKI, F. Crime e castigo. Coleção. Leste Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. 5ª. ed. São Paulo: Editora 34. ano de 2007.

LACAN, J. (1953-1954) Escritos, rio de janeiro: jorge zahar editora, 1979.

PLATÃO, República. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, ano de 2001.

SARTRE, J. P. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. 18. ed. Petrópolis: Vozes, ano de 2009.